

AS NEGOCIAÇÕES SOBRE A UCRÂNIA ESTÃO COMEÇANDO?

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Podemos mesmo descartar a possibilidade de que Trump, Putin e Xi decidam se encontrar em uma nova Yalta, desta vez à sombra das cúpulas da Catedral de São Basílio?

Em uma semana, será o terceiro aniversário do início da guerra na Ucrânia. As coisas não parecem boas para o país do Leste Europeu devastado pela guerra, depois de mais de 1.100 dias de conflito. Ao longo da frente de Donbass, no leste do país, as tropas russas avançam cada vez mais para o oeste. O número de desertores ucranianos está aumentando vertiginosamente e a liderança política de Kiev, sob o comando do presidente Volodymyr Zelensky, está com falta de recrutas. Uma mistura altamente desfavorável para a Ucrânia.

DIVERSAS DIMENSÕES

Vamos analisar e considerar as diversas dimensões da guerra: estratégica, operacional e tática. *“A Rússia não se importa com cada centímetro de território.”*

No nível político-estratégico, atualmente há incerteza para a Ucrânia. Embora um telefonema oficial entre a Casa Branca e o Kremlin não tenha sido confirmado, há suspeitas de *“acordos iniciais entre o governo Trump e Moscou”*. No entanto, isso é especialmente preocupante para os aliados da Ucrânia na UE, dizem vários analistas: *“A Europa aparentemente não desempenha nenhum papel nessas*

negociações.” A Ucrânia é a principal parte interessada como candidata à adesão à UE, para que ambos os países possam estar à mesa de possíveis negociações.

No nível estratégico, outro passo importante para Kiev foi a implantação de 90 mísseis Patriot de Israel. A Força Aérea israelense desmantelou oficialmente o sistema de mísseis antiaéreos no ano passado; Israel vem desenvolvendo seus próprios sistemas de defesa aérea há anos. Enquanto isso, a Ucrânia encomendou mais mísseis Patriot. A defesa aérea e a disponibilidade de soldados são grandes desafios para a Ucrânia no nível militar-estratégico. Os escassos recursos humanos.

No entanto, a questão dos soldados e recrutas também é um grande problema para a liderança militar na Ucrânia no nível operacional. Sabemos que a Ucrânia está exposta a ataques russos maciços no Donbass. O problema para Kiev é, portanto, o fato de suas posições na frente estarem severamente reduzidas em termos de tropas (soldados). As unidades e batalhões ucranianos têm uma força média de 500 homens. Isso significa que apenas 35% a 45% dos soldados estão disponíveis.

Portanto, as tropas russas tentarão invadir os pontos apropriados em Donbass nas próximas semanas e meses. Vamos lembrar a situação dramática em Pokrovsk e Velyka Novosilka, lugares e assentamentos no leste da Ucrânia onde a Rússia alcançou recentemente vitórias militares.

No nível tático, tudo continua como de costume. De acordo com várias mídias ocidentais, ataques russos estão acontecendo diariamente, enquanto eles tentam identificar brechas na defesa ucraniana com sua infantaria. Assim, se uma lacuna for detectada, a Rússia geralmente avança com três ou quatro veículos de combate. As tropas russas estão avançando lentamente. *“E não podemos nos esquecer”*, diz o coronel austríaco Reisner, *“que a Rússia não está tão interessada em cada centímetro de território”*. Trata-se de continuar travando uma guerra de atrito, já que a Rússia tem muito mais recursos nessa área. *“Isso não é um bom presságio para a Ucrânia.”*

DOMÍNIO DA GUERRA MODERNA

Esses três anos de guerra foram travados no campo do domínio da mente humana. Cada lado tentou influenciar fortemente seu público e seu oponente.

Como dissemos anteriormente, *“A guerra na Ucrânia não se trava apenas com tropas, tanques e aviões, mas também em redes de computadores e na Internet. E a ‘guerra cognitiva’ também se desenvolve. Esse tipo de guerra é a tentativa de influenciar a opinião pública sobre um conflito por meio de propaganda direcionada. Este tipo de comando operacional desempenha um papel especial na atual guerra na Ucrânia”*.

Tradicionalmente, existem os domínios da guerra terrestre, da guerra naval e da guerra aérea. Nas últimas décadas, o espaço também se tornou cada vez mais importante. Por um lado, através da comunicação via satélite, por outro, criando a possibilidade de navegação guiada de sistemas de mísseis. Dois outros domínios estão se tornando cada vez mais importantes: o ciberespaço e o espaço da

informação. Elas permeiam todos os outros domínios quase sem demora e, de fato, nós, cidadãos em escala planetária, somos parte permanente desse domínio. Consumimos mídia e formamos opiniões que influenciam nossas ações. A gestão da informação é uma arma. E está em uso. Há uma batalha entre a narrativa ucraniana e a narrativa russa.

Simplificando, acreditamos que: o centro de gravidade da narrativa ucraniana para penetrar no Ocidente pode ser representado nestas frases: “A Ucrânia defende a Europa contra a agressão russa” ou “A Ucrânia defende os valores ocidentais”. Enquanto isso, o centro de gravidade da narrativa russa pode ser representado da seguinte forma: “Não é a Rússia contra a Ucrânia; é o Ocidente, a OTAN, os EUA contra a Rússia” ou “Assim como nossos avós, é uma guerra patriótica”.

GUERRA DE INFORMAÇÃO

Durante esses três anos de conflito, vimos como a guerra de informação evoluiu, como nos conta o Dr. Marcelo Breide Obeid: “*Observa-se que houve várias etapas no fluxo de informações públicas derivadas da guerra. 1ª Etapa: planejada para ‘degradar a Rússia’ em um contexto público ocidental, para ajudar a opinião pública a apoiar as medidas exigidas pela UE e pela OTAN. Esta fase foi composta principalmente por mídia tradicional ‘convencional’. Uma 2ª Etapa: avanços marcantes em novas informações de rede e atalhos usados pela Rússia para equilibrar as informações. Depois, uma 3ª Etapa: a mídia ocidental responde com análises e banalização da informação. Eles questionam tudo o que não vem de suas ‘fábricas’ autorizadas. Depois, uma 4ª onda de informações: o surgimento de analistas aparentemente mais sérios e com outro objetivo profundo, pois as eleições nos EUA estavam se aproximando. Esses analistas estavam mais inclinados a favorecer Trump.*

“*Mais tarde, surge uma 5ª Etapa. A duração da guerra de atrito causa a generalização de todas as informações, desde mentiras grosseiras ou sem sentido até notícias falsas, aguardando resultados no campo de batalha. Em uma 6ª Etapa, o campo de batalha está mudando para a economia e o Ocidente está perdendo sua narrativa porque as coisas estão indo mal. Sanções contra a Rússia não funcionam. A posteriori, como 7ª Etapa, um novo conflito surge no Oriente Médio, com vitórias e derrotas aparentemente predeterminadas. A confusão aumenta. Finalmente, hoje vemos neste campo da Guerra Cognitiva: Hoje o que está sendo discutido é como e quando a Ucrânia perde.*”

A guerra na Ucrânia ainda não acabou. Em vez disso, o conflito continua em nossas salas de estar, em nossas televisões, telefones e computadores.

CONVERSA NA OTAN

Últimas notícias (antes de fechar este artigo). Recentemente, o secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, disse: “*Os Estados Unidos consideram irrealista que a Ucrânia restaure suas fronteiras de 2014.*”

“Os Estados Unidos também não consideram a adesão da Ucrânia à OTAN uma solução realista.”

“As forças de manutenção da paz na Ucrânia devem estar fora da égide da OTAN e não sujeitas ao Artigo 5” (O Artigo 5 da Carta da OTAN declara que um ataque armado contra um ou mais países da aliança será considerado um ataque à aliança como um todo). “Não haverá tropas americanas na Ucrânia.”

SITUAÇÃO ATUAL

Diante disso, gostaríamos de compartilhar as opiniões do nosso compatriota Diego Papalardo, que analisa profundamente a situação atual e nos diz: *“As negociações estão sendo realizadas com o objetivo de deter os diversos cenários de guerra ou os mais importantes dentro do sistema internacional de duas maneiras. A via pública, aquela que todos nós conhecemos, aquela que nos é apresentada pelos diferentes salões diplomáticos e pelas diferentes plataformas de mídia em termos globais. Há outra, que são as conversas, o caminho que se faz nas sombras.*

“Nesse sentido, e no caso específico do conflito na Ucrânia, nos últimos dias, nas ruas, nas sombras, têm ocorrido diversas conversas entre as partes envolvidas, especialmente da Rússia e dos Estados Unidos. Como dissemos, estão ocorrendo conversações para chegar a um potencial ponto de acordo que determinará, em primeiro lugar, a desescalada; então, a cessação das hostilidades; e, em uma terceira etapa ou instância, o estabelecimento dos termos e aceitações, tanto pela Rússia como pela Ucrânia, para a conclusão deste conflito. No entanto, isso certamente não resolverá as causas raízes que o causaram.”

Em 12 de fevereiro, lemos: Rússia e Estados Unidos iniciam negociações para acabar com a guerra na Ucrânia e construir um relacionamento comum. *“Trabalhando juntos”* com *“bom senso”*: este é o resumo do post no *Truth Social*, sua própria rede social, em que Trump anunciou que teve um telefonema com o presidente russo Vladimir Putin. Uma ligação na qual Trump observa que discutiu todas as áreas com seu colega russo: *“Discutimos Ucrânia, Oriente Médio, energia, inteligência artificial, o poder do dólar e vários outros assuntos”*, escreveu o presidente americano.

Mudanças na narrativa do Ocidente atlantista. A realidade política e estratégica prevalece. Este é talvez o fato mais importante. Pela primeira vez em três anos, a Rússia e os Estados Unidos não são mais vistos como rivais irreconciliáveis, mas como países prontos para dialogar. A possibilidade de estender contatos ao líder ucraniano Volodymyr Zelensky não está fechada, é difícil. Outra grande ausência: a Europa.

Há mais: Moscou, 9 de maio de 2025: Trump, Putin e Xi, a nova Yalta à sombra de São Basílio? Podemos falar de uma mudança radical de paradigma? Adotado por Trump e, obviamente, muito bem recebido por Putin. Podemos entender assim? Não é a lei do mais forte, mas a lei da força: se você não consegue derrotar seu adversário (ou demora muito, tipo três anos...) tente negociar para encontrar um acordo que seja favorável a você. A lei da força se aplica em todas as direções, e ainda mais com interlocutores mais fracos: por

exemplo, com a Ucrânia (eu ajudei você e vou ajudar você, mas quero ser compensado) e com a União Europeia (você deve comprar mais gás americano, vamos impor tarifas sobre o aço, suas regras sobre IA não são aceitáveis, etc., etc.). Putin também convidou Trump para visitar Moscou.

MOMENTO CHAVE

O momento-chave em que a Rússia celebra os sacrifícios e as vitórias alcançadas no que chama de Grande Guerra Patriótica é 9 de maio, o dia do grande Desfile da Vitória. Nenhum líder ocidental foi visto na Praça Vermelha desde 2015. **O que aconteceria se o próprio Trump iniciasse um *reboot* este ano indo a Moscou para o desfile?**

O momento do convite de Putin para a celebração levanta suspeitas. Além disso, o convite para 9 de maio já foi aceito por Xi Jinping, presidente da China. Do jeito que as coisas estão, estamos realmente inclinados a descartar a possibilidade de que Trump, Putin e Xi decidam se encontrar no que, 80 anos depois, teria toda a aparência de uma nova Yalta, dessa vez não às margens do Mar Negro, mas à sombra das cúpulas de São Basílio?

Até a semana que vem.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
